

# 1

Após uma troca de amabilidades, a sessão continuara por mais meia hora e Brunetti começava a acusar a tensão. Haviam pedido ao homem que se encontrava à sua frente, um advogado de 42 anos cujo pai era um dos mais bem-sucedidos — e, portanto, mais poderosos — notários da cidade, que viesse nessa manhã à *questura* depois de duas pessoas o terem identificado como o indivíduo que, duas noites antes, numa festa privada, oferecera alguns comprimidos a uma rapariga.

A rapariga engolira-os com um sumo de laranja, que alegadamente também lhe terá sido dado pelo homem agora sentado em frente de Brunetti. Pouco tempo depois, ela desmaiou e foi levada para as urgências do *ospedale civile*, onde o seu estado foi classificado como “*condizione riservata*”.

Antonio Ruggieri chegara pontualmente às dez e, como prova da sua fé na competência e probidade da polícia, não se dera ao trabalho de trazer consigo outro advogado. E também não se queixara do calor que se fazia sentir naquela sala de uma só janela, embora tivesse pousado por um instante o olhar na ventoinha que, ao canto, se esforçava (em vão) por contrariar o calor sufocante do mês de julho mais quente de que havia registo.

Brunetti pedira desculpa por a sala estar tão abafada, explicando que aquela onda de calor tinha forçado a *questura* a decidir se utilizaria a sua reduzida potência elétrica para os computadores ou para o ar condicionado, e que a escolha recaíra sobre os primeiros. Ruggieri fora amável e limitara-se a perguntar se podia tirar o casaco.

Brunetti, que não tirou o seu, começou por deixar bem claro que aquela era apenas uma conversa informal que permitiria fornecer à polícia mais informações genéricas sobre o que havia acontecido na festa.

O advogado, registando a mal disfarçada admiração deste balbuciante *commissario* pelo estatuto social da família Ruggieri, pelos famosos da cidade que eram seus clientes e amigos e pelo círculo de riqueza e conforto em que Ruggieri por direito se movia, não demorou a adotar uma atitude de tranquila condescendência para com aquele homem mais velho.

Como o agente sentado ao lado do *commissario* Brunetti estava de uniforme, Ruggieri ignorou-o, embora tivesse mantido os sensores ligados para verificar se o jovem reagia de forma apropriada ao diálogo entre os mais velhos e socialmente superiores. Quando o mais novo deixou de se mostrar adequadamente sensível à sua modesta superioridade, o advogado parou de usar o plural ao dirigir-se a ambos.

“Como lhe estava a dizer, *commissario*”, prosseguiu Ruggieri, “era a festa de anos de um amigo: conhecemo-nos desde os tempos da escola.”

“Conhecia muitas pessoas na festa?”, perguntou Brunetti.

“Praticamente todas, somos quase todos amigos de infância.”

“E a rapariga?”, perguntou Brunetti, algo embaraçado.

“Deve ter vindo com um dos convidados. É impossível ter entrado na festa de outra forma.” Depois, para mostrar a Brunetti como ele e os amigos protegem a sua privacidade, acrescentou: “Um de nós fica sempre de olho na porta a ver quem entra, pelo sim, pelo não.”

“Claro”, disse Brunetti, acenando afirmativamente com a cabeça, e, em resposta ao olhar de Ruggieri, acrescentou: “É sempre boa ideia.” Estendeu o braço para aproximar um pouco mais o microfone de Ruggieri.

“Importa-se que lhe pergunte se tem alguma ideia de com quem é que ela pode ter ido?”

Ruggieri demorou um momento a responder. “Não. Não a vi falar com ninguém conhecido.”

“E como é que começou a falar com ela?”, perguntou Brunetti.

“Ah, sabe como é”, disse Ruggieri. “Montes de pessoas a dançar ou a andar por ali. Eu estava sozinho, a olhar para quem dançava, e, quando me dei conta, já ela estava ao meu lado a perguntar-me o nome.”

“O senhor conhecia-a?”, perguntou Brunetti, afetando um tom antiquado e algo perplexo.

“Não”, disse categoricamente Ruggieri. Depois acrescentou: “Mas ela tratou-me por tu.”

Brunetti abanou a cabeça em sinal de aparente reprovação e perguntou: “De que é que falaram?”

“Ela disse-me que não conhecia quase ninguém ali, e que não sabia como arranjar uma bebida”, disse Ruggieri. Como Brunetti não fez nenhum comentário, continuou: “Portanto, tive de lhe perguntar se lhe podia trazer uma. Que outra coisa podia um cavalheiro fazer?” Brunetti continuou calado e Ruggieri apressou-se a dizer: “Não me pareceu simpático perguntar-lhe porque é que ela não conhecia pessoas na festa. Mas pensei nisso.”

“Claro”, concordou Brunetti, como se fosse uma situação em que ele próprio muitas vezes se encontrasse. Assumiu uma expressão atenta e esperou.

“Ela queria um vodca com sumo de laranja e eu perguntei-lhe se já tinha idade para beber.”

Brunetti fez aparecer um sorriso. “E ela disse?...”, perguntou.

“Que tinha dezoito anos e que, se eu não acreditava, iria procurar quem acreditasse.”

Imitando uma expressão que muitas vezes vira no rosto da sua tia-avó Anna, Brunetti franziu os lábios num pequeno trejeito de reprovação. A seu lado, Pucetti agitou-se na cadeira.

“Uma resposta não muito cortês”, disse Brunetti com afetação.

Ruggieri passou a mão pelo cabelo escuro e encolheu entediadamente os ombros. “Infelizmente, hoje em dia são assim. Lá porque têm idade para votar e para beber, não quer dizer que se saibam comportar.”

Brunetti achou curioso que Ruggieri voltasse a referir-se à idade dela.

“*Avvocato*”, começou Brunetti a dizer com um ar muito relutante, “pedi-lhe que viesse cá falar connosco porque nos disseram que o senhor lhe deu uns comprimidos.”

“Perdão?”, disse Ruggieri, parecendo perplexo. Depois sorriu a Brunetti com condescendência e acrescentou: “Diz-se muita coisa sobre mim.”

Retribuindo o sorriso com nervosismo, Brunetti continuou: “A rapariga — como deve ter lido — foi levada para o hospital. Os *carabinieri* interrogaram várias pessoas que lhes disseram que o senhor tinha estado a falar com uma rapariga que usava um vestido verde.”

“Que pessoas?”, disse Ruggieri num tom cortante.

Brunetti ergueu as mãos num gesto que sugeria impotência. “Infelizmente, *avvocato*, não lho posso revelar.”

“Então as pessoas podem mentir à vontade sobre mim e eu nem sequer me posso defender?”

“Tenho a certeza de que terá a oportunidade de o fazer, *signore*”, disse Brunetti, deixando ao advogado a tarefa de calcular quando poderia isso acontecer.

Ignorando a resposta de Brunetti, Ruggieri perguntou: “Que mais é que essas pessoas disseram?”

Brunetti agitou-se na cadeira e cruzou as pernas. “Também não lhe posso revelar isso, *signore*.”

Ruggieri afastou o olhar e examinou a parede, como se pudesse haver outra pessoa qualquer escondida do lado de lá. “Espero que tenham dito alguma coisa sobre a rapariga.”

“Como assim?”

“A forma como ela se atirou a mim”, disse Ruggieri com irritação, a primeira emoção forte que revelava desde que entrara naquela sala.

“Bem, houve alguém que disse que ela se portou de forma, hum, atrevida”, respondeu Brunetti, como que tropeçando na palavra.

“Isso é dizer pouco”, replicou Ruggieri, e endireitou-se na cadeira. “Ela encostou-se a mim. Isso depois de eu lhe ter trazido a bebida. A seguir, começou a mexer-se ao ritmo da música, roçando-se na minha perna. Pôs o copo — que estava frio por causa do gelo — entre os seios. Quase lhe saíam do vestido.” Ruggieri parecia indignado com o descaramento da juventude.

“Estou a ver, estou a ver”, disse Brunetti. Tinha consciência de que, a seu lado, Pucetti estava cada vez mais tenso. O agente mais novo interrogara há pouco tempo um jovem acusado de agredir a namorada e redigira um relatório profissionalmente neutro.

“Ela disse-lhe alguma coisa, *signore*?”

Ruggieri pensou um pouco, começou a falar, hesitou e depois continuou. “Disse-me que se sentia quente por minha culpa.” Fez uma pausa para deixar que os dois homens percebessem bem. “Depois perguntou se havia algum lugar para onde pudéssemos ir, só nós os dois.”

“Deus do céu”, disse um surpreendido Brunetti. “O que é que lhe respondeu?”

“Que não estava interessado. Foi o que lhe respondi. Não gosto quando é fácil demais.” Vendo que Brunetti assentia com a cabeça, o advogado continuou: “E seja lá o que for que essas pessoas lhe contaram, eu não sei nada de comprimidos nenhuns.”

“A rapariga com quem falou tinha um vestido verde?”, perguntou Brunetti.

O advogado acabou por esboçar um sorriso travesso e respondeu: “Era capaz. Eu estava a olhar para as mamas dela, não para o vestido.”

Brunetti apercebeu-se da reação de Pucetti. Para encobrir a profunda inspiração do jovem, levou a mão à boca sem conseguir abafar o risinho de compreensão.

Ruggieri mostrou um enorme sorriso e, talvez animado pelo gesto, disse: “Suponho que a podia ter levado para qualquer sítio, para a comer, mas ela não valia o esforço. Tinha boas mamas, mas era uma cabra estúpida.”

Uma hora antes da entrevista com o advogado, Brunetti e Pucetti tinham ficado a saber que a rapariga morrera nessa manhã no hospital. A causa direta da morte foi um ataque de asma; mas a presença de *ecstasy* no sangue forneceu uma outra. Ao seu lado, Brunetti ouviu o ruído áspero da cadeira de Pucetti a raspar no chão de cimento da sala de interrogatórios. Pelo canto do olho esquerdo, viu Pucetti recolher as pernas, preparando-se para se levantar.

O coração de Brunetti foi tomado pelo medo do que iria suceder, e ergueu o braço esquerdo ao mesmo tempo que deixava escapar um grunhido rouco. Este som passou a um gemido agudo que foi subindo na escala, como que arrancado pela dor. Brunetti contorceu-se e levantou-se de um salto, arquejando enquanto soltava o torturado gemido.